A MAGIA MANTÉM O CINEMA VIVO

Josimey Costa

Muita gente prefere alugar um DVD e assistir a um filme sentado no sofá do que trocar de roupa, se deslocar até o cinema, comprar um ingresso individual e ainda ouvir barulho de conversa e pipoca sendo mastigada. Há, porém, um outro tipo de espectador que não troca uma sala de cinema por nada, e a prova de existem muitos desse tipo é a sobrevivência do cinema, um meio de comunicação mais antigo, nos tempos do DVD, *home theater* e Internet. Cabe perguntar, então, o que leva tantas pessoas a deixarem a televisão, com sua domesticidade confortável, e ir ao cinema?

A experiência do cinema não é só assistir a um filme. Ela é uma vivência coletiva. Assistir a um filme junto com outros espectadores permite o contágio do riso, do susto, do choro. O cinema possibilita o encontro, ainda que efêmero, onde o cada pessoa tem verdadeiramente um significado para o outro, nem que seja o de que os que estão na sessão gostam do mesmo gênero cinematográfico e, por isso, têm certa cumplicidade. O cinema pode aproximar as pessoas, diminuir o seu isolamento.

É por isso que o cinema é o filme mas é, também, o lugar. Há práticas de cinema que se vinculam ao espaço e exigem maneiras de freqüentá-lo. Um cinema de bairro, por exemplo, tem um significado diferente para os seus freqüentadores quando confrontado com o cinema de um *shopping center* ou com um cineclube. O bairro é um misto entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade, um espaço de relações sociais singulares, de comunicação entre vizinhos e parentes; o cineclube reúne pessoas que vêem mais do que diversão no ato de assistir a um filme, que aprofundam os laços do encontro ao compartilharem de um projeto de intervenção cultural.

Por seu modo de fruição, predominantemente estético, afetivo, o cinema lembra práticas ancestrais ligadas à magia e aos rituais. Embora seja um aparato técnico, a tela grande é mágica, hipnotiza o olhar, prende muito mais a atenção do que qualquer telinha de TV. O escurinho da sala de exibição convida ao recolhimento. O som envolve os demais sentidos. Os outros espectadores, que mais se percebe do que se vê, nos dão a segurança de que tudo está como deve ser, não há ameaças no ambiente e podemos relaxar.

O ritual é um acontecimento que sincroniza as práticas sociais e introduz o extraordinário na existência. O cineminha semanal, o encontro marcado entre amigos ou

namorados na entrada do cinema, com um bate-papo depois constitui uma espécie de ritual urbano, onde a magia da imagem em movimento se associa à prática social. Quem algum dia assistiu a uma sessão comunitária de cinema na periferia de uma cidade ou na praça pública interiorana, onde a população que não tem acesso a salas de bairro ou de *shopping centers*, sabe que ali acontece uma festa cheia de magia. Aquela que o cinema promove ao introduzir o sonho no cotidiano e fazer quem participa dele transcender sua realidade pessoal e realizar pequenas fantasias numa outra dimensão simbólica.